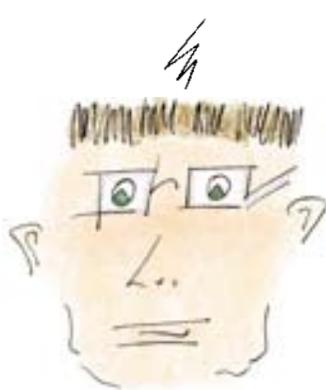




POR QUE SERÁ QUE OS BENS PÚBLICOS BRASILEIROS, EM ESPECIAL OS CULTURAIS, ESTÃO SEMPRE ATRELADOS À CONDIÇÃO DE ABANDONO, CARENTES DE VERBAS OU ATÉ MESMO EM VIAS DE FECHAMENTO?



PARECE QUE O CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL AINDA NÃO FOI ASSIMILADO PELOS GOVERNOS E SEUS GOVERNANTES.



NOS PAÍSES DESENVOLVIDOS, A CULTURA AGE COMO ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO HÁ MAIS DE 200 ANOS.



CÁLCULOS DOS ESPECIALISTAS DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) ESTIMAM QUE A ECONOMIA CRIATIVA SEJA RESPONSÁVEL, HOJE, POR 7% DAS RIQUEZAS PRODUZIDAS NO MUNDO.



PATRIMÔNIO Por que será que os bens públicos brasileiros, em especial os culturais, estão sempre atrelados à condição de abandono, carentes de verbas ou até mesmo em vias de fechamento? Será que um bem público só tem validade no dia da inauguração? Onde estão as políticas públicas de preservação do seu próprio patrimônio? O IPHAN tem lutado pelo restauro e preservação da Igrejinha de Fátima, a despeito dos paroquianos que não entendem e não aceitam os significados artísticos, arquitetônicos e simbólicos da capela. O MAB – Museu de Arte de Brasília sofre com a falta de recursos e a inadequação dos seus espaços para receber e proteger um importante acervo de arte.

INDÚSTRIA CULTURAL Parece que o conceito de indústria cultural ainda não foi assimilado pelos governos e seus governantes. A máquina pública está muito preocupada em resolver questões de responsabilidade fiscal, déficit público, arrecadação, folha de pagamento, verba orçamentária e se esquece que uma das grandes fontes de riqueza do mundo contemporâneo vem da cultura e seu imenso conjunto de manifestações, que vão da arquitetura ao teatro, das artes visuais à música, do cinema à dança, da literatura ao artesanato. Vale lembrar os Titãs: “(...) a gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte (...)”.

CULTURA E DESENVOLVIMENTO Nos países desenvolvidos, a cultura age como elemento de desenvolvimento há mais de 200 anos, é o que nos informa o embaixador Edgard Telles Ribeiro. Para Telles Ribeiro, “(...) as pessoas tendem a associar desenvolvimento à economia e seus filhotes; comércio e cooperação técnica (...) entretanto, a Unesco vem demonstrando há mais de vinte anos que existe um vínculo fortíssimo entre cultura e desenvolvimento (...). Não é por acaso que nos EUA a indústria do entretenimento ocupa o segundo lugar na economia e a cultura é considerado fator de hegemonia. Vale lembrar que a produção audiovisual americana detém 85% do mercado mundial”.

ECONOMIA CULTURAL Para o ex-Secretário de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Marcio Meira, “(...) existe uma emergência em tratar a cultura como economia (...) nesse sentido, a Convenção Internacional sobre Diversidade Cultural chega para ratificar uma questão importante: que todos os esta-

dos nacionais, sobretudo os emergentes e os em desenvolvimento, devem proteger e promover suas diversidades culturais”.

MUDANÇAS A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da Unesco, datada de 2002, estabelece que: “(...) Frente às mudanças econômicas e tecnológicas atuais, que abrem vastas perspectivas para a criação e a inovação, deve-se prestar particular atenção à diversidade da oferta criativa, ao justo reconhecimento dos direitos dos autores e artistas, assim como ao caráter específico dos bens e serviços culturais”.

7% DO PIB MUNDIAL Informações da Organização Mundial do Comércio (OMC) dão conta de que o faturamento das indústrias criativas no mercado internacional duplicou nos primeiros três anos do século XXI. Cálculos dos especialistas da Organização das Nações Unidas (ONU) estimam que a economia criativa, que envolve setores tão díspares como o teatro, o artesanato, a televisão, o cinema, a publicidade e o desenvolvimento de programas de computador, entre outros, seja responsável, hoje, por 7% das riquezas produzidas no mundo. Apenas três países – o Reino Unido, os Estados Unidos e China – produzem 40% dos bens culturais negociados no planeta, entre livros, CDs, videogames etc.

MUDANÇA DE PARADIGMA Falta ao Brasil e, em especial, a Brasília, uma mudança de paradigma. É preciso enxergar novos caminhos econômicos e investir neles. E a cultura, para uma cidade símbolo do pensamento moderno mundial e patrimônio cultural da humanidade, tem todos os ingredientes para se tornar a cidade-sede da indústria cultural. Sua economia pode ser alavancada através dos seus espaços arquitetônicos e artísticos e, principalmente, do pensamento modernista que alicerçou suas bases políticas, ideológicas e estéticas. Falta transformar o seu modernismo em economia. Nesse sentido, vale lembrar a entrevista do maestro Guilherme Vaz ao Correio Braziliense: “(...) Não é suficiente criar arquiteturas físicas, é preciso criar arquiteturas do pensamento inovadoras e originais, como a UnB fez no início. Arquiteturas do modo de pensamento humano, na arte e na ciência, na filosofia e na concepção da dimensão social e econômica”.